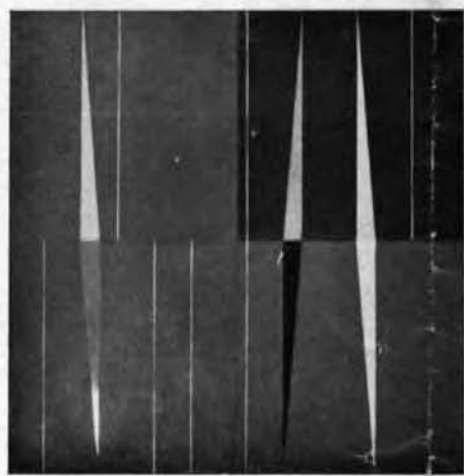
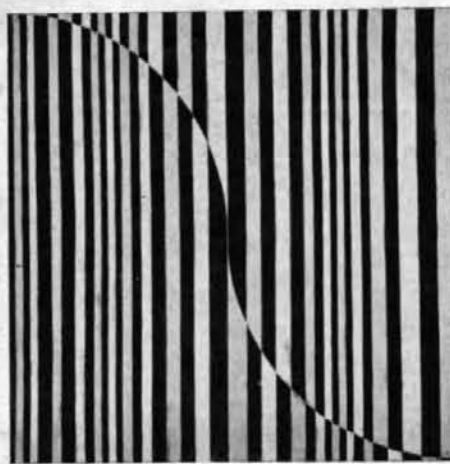


1



2



3



4

tar segundo as receitas de atelier. Disso resultou uma queda sensível não apenas da qualidade artística da nossa pintura, mas do seu próprio caráter brasileiro, que foi aos poucos desaparecendo.

Hoje, na época do modernismo, cuja tendência na Europa é universalista, em oposição aberta à das escolas nacionais do passado, não se pensa mais em fazer uma pintura brasileira. Algumas das novas tendências abs-

tracionistas querem mesmo ser tão avançadas como as correntes européias saídas do Bauhaus e da arte internacionalista de vanguarda.

Não há dúvida que a orientação atual contrasta com a dos pintores da primeira fase do modernismo, que se preocupavam em fazer antes de tudo uma arte brasileira. Queriam, de preferência, atingir o universal através do nacional, segundo preconizava Mario de Andrade, o teórico por excelência do modernismo.

1 — Walter Levy, *Pintura*, 1953; 2 — Ivan Serpa, *ritmos resultantes c/ dominante vermelho amarelo*; 3 — Geraldo de Barros, *Descontinuidade*; 4 — Sanson Flexor, *Progressão n.º 1*; 5 — Antonio

*Bandeira, Árvores no crepúsculo lilás*, 1953; 6 — Adolfo Bonadei, *Composição*, 1953; 7 — Faiga Ostrower, *Xilografia*, VTEC.

5



6



7

